

NA TRILHA SONORA DA VIDA: A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NAS MÚSICAS NACIONAIS

Fabiana Lopes Cavalcante
Maria da Glória Paz
Edilania de Paiva Silva
Eliene Maria Sales Santos
Lucemberg Rosa de Oliveira

Universidade do Estado da Bahia – departamento de ciências humanas IV – email
fabianacavalcante08@hotmail.com

Resumo

A proposta deste artigo foi de um diálogo fecundo sobre as representações das mulheres nas músicas em alguns ritmos nacionais, como pagode e pagofunk, investigando esses repertórios nacionais e contrastando-os com composições mais antigas. Esses ritmos vêm ganhando cada vez mais espaço em diferentes meios de comunicação de massa com televisão, rádio e com o avanço das mídias interativas essas manifestações expandiram/expandem continuamente. Sabemos que cada estilo musical marca época e com estes não tem sido diferente, na atualidade, a vertente artístico-musical insere no seu repertório, letras que representam a figura feminina de forma estereotipada, através de linguagens que difamam a mulher e ínsita o uso do sexo banalizado e ao uso de bebidas alcoólicas. Percebemos nas letras, uma figura feminina transformada em objeto sexual, erotizada e submissa ao homem. A análise se deu com canções: “mulher no poder de Piscirico; Santinha e Maravilhosa de Léo Santana”, “pagofunk de Nuwance”, contrapondo com sucessos de artistas como Amelinha e Roberto Carlos, entre outras. Esse estudo qualitativo apoia-se no paradigma interpretativo dos Estudos Culturais por considerarmos esse, como meio transgressor dos limites socialmente construídos, ou seja, questiona as naturalizações impostas por uma estrutura social dominante. Como resultado dessas análises, observamos que as composições reproduzem e continuam disseminando a imagem de uma mulher deslocada, puro objeto sexual e que a maioria não se dá conta do seu conteúdo de difamação e propaga nos lares, nas festas e em suas relações sociais, ampliando o consumo musical e conseqüentemente o lucro para o mercado midiático.

Palavras chave: Mulher; Canções; Sexualidade.

Primeiras palavras

A investigação em questão foi construída a partir de estudos sobre gênero, etnia e diversidade, para compreendermos as diferenças entre as questões de gêneros e sexualidade e a representatividade da mulher na sociedade atual, pois, diante de lutas e desafios a mulher conquistou a liberdade de expressão, o direito ao estudo, ao trabalho e a opção sexual.

Representar as identidades das mulheres na atualidade, é refletir sobre a imagem feminina na sociedade contemporânea, para isso, dialogamos através das letras das músicas brasileiras, como uma forma de conhecer e analisar como a sociedade machista, branca e eurocêntrica vê a mulher enquanto um ser social, digna de direitos e igualdade de poder. Nesse sentido, o objetivo desse

artigo é refletir por de um diálogo fecundo sobre as representações das mulheres nas músicas em alguns ritmos nacionais, como pagode e pagofunk, investigando esses repertórios nacionais e contrastando-os com algumas composições mais antigas; como o espaço da música é diverso, fizemos o recorte para as canções baianas e como a modernidade das letras enfatiza o papel da mulher.

Foi uma reflexão a partir das letras do pagode e do pagofunk da Bahia, como músicas de Psirico, Léo Santana, Nuwance e Mc Naldinho, analisando como é delineada a visão das mulheres nas letras e, indagando sobre o que leva a essa melodia a fazer sucesso, algo que difama a mulher, a coloca indigna de valores, e qual o motivo que leva as mulheres dançar e aplaudir esses artistas? É o fato se sentir moderna porque curte o contemporâneo? Ou é a falta de conhecimentos sobre a sua imagem? Ou a ausência de diversão? Que leva mulheres, independente da idade deixar ser levada por um ritmo que estereotipa e denigre a imagem feminina.

Através do repertório musical que conhecemos a diversidade de letras e autores que disseminam a imagem da mulher nas suas letras, muitas vezes umas histórias que denigre a figura feminina, quando a infere como vagabunda, vadia, piranha, um ser facilmente manipulada, indigna de respeito, propagando muitas vezes a cultura do estupro individual e coletivo, por a mulher representar apenas o desejo do sexo banalizado.

1. As palavras no caminho: metodologia do artigo

A abordagem metodológica para esse trabalho de deu através da pesquisa bibliográfica, mediante estudo qualitativo apoia-se no paradigma interpretativo dos Estudos Culturais por considerarmos esse, como meio transgressor dos limites socialmente construídos, ou seja, questiona as naturalizações impostas por uma estrutura social dominante, com isso tivemos a oportunidade de conhecer textos e autores que dialogam sobre a história da música, os motivos que os homens pré-históricos usavam os sinais sonoros e os batuques para representar as músicas, bem como interpretar as letras de músicas e textos que conversam sobre os repertórios musicais e a historia da música, e autores que dialogam sobre gênero e sexualidade.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais já produzidos e publicados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos, no levantamento bibliográfico muitos foram os trabalhos encontrados e, para esse trabalho usamos referencias como: textos de Guacira Lopes Louro (1997), Sardenberg (1992), Scott (1991), Guatarri (1996), Fagundes (2014), Butler (2015), dentre outros teóricos que auxiliaram na construção bibliográfica desse trabalho.

Os estudos culturais imbricam nesse artigo por sua multiplicidade de possibilidades analíticas que são certamente, uma das chances que temos, enquanto pesquisadores(as), de não nos conformarmos em ser meros espectadores dos conflitos sociais sejam eles étnicos ou de gêneros.

No campo de Estudos Culturais, um movimento tem início nos anos finais do século passado é descrito como diversificado inclusive no que diz respeito a suas abordagens teóricas. Nesse trabalho não priorizamos a bibliografia dos estudos culturais, somente as que delineavam o objeto de estudo. Mais esses estudos são empregados conceitos e métodos oriundos da História, da Filosofia, da Sociologia, da Antropologia, da Teoria Feminista e da Crítica Literária tendo as diversas investigações em comum à centralidade da cultura.

Juntamos a pesquisa bibliográfica com os ideais dos estudos culturais para dialogarmos sobre como a mulher vem sendo representada nas músicas brasileiras, para isso conceituamos a música a partir do repertório contemporâneo.

2. Repertório: a música no Brasil contemporâneo

A música é considerada a arte mais antiga e a mais primitiva de todas. Historicizando a música, diz-se que na era da pré-história o homem primitivo usava sinais sonoros como gritos, sons corporais, batimentos com pedras, produzindo som com a intenção de fazer música.

No Egito a música fazia-se tanto no palácio do faraó, como no trabalho do campo, ou no culto aos mortos, tocado normalmente pelas mulheres. A música brasileira tem maior influência a música africana, trazida pelos escravos, com seus ritmos frenéticos e instrumentos rudimentares. Os europeus também contribuíram para formação da música brasileira com o estilo erudito, dança de salão, saraus, música religiosa.

Numa retrospectiva sobre a música do século XX, a mulher também era representada nas letras das canções, na sua maioria pelo uso da sensualidade, sem erotismo que não denigre a imagem da mulher, como trouxe Roberto Carlos com a canção mulher de 40 “É jovem bastante/ mas não como antes/ mas é tão bonita/ ela é uma mulher/ que sabe o que quer/ e no amor acredita”, tece elogios as mulheres que possui mais idade e conhecimento da vida, mulheres determinadas, difíceis de ser manipuladas, mulheres livres e empoderadas.

E percebemos também a figura da mulher representada na canção de Amelinha, Mulher Nova Bonita e Carinhosa, onde a figura da mulher é como uma guerreira, mulher gigante, não submissa ao homem, traz sua história desde a Grécia antiga até os momentos vividos pela nossa história como conta o trecho a seguir:

Virgulino Ferreira, o Lampião/Bandoleiro das selvas nordestinas/Sem temer a perigo nem ruínas/Foi o rei do cangaço no sertão/Mas um dia sentiu no coração/O feitiço atrativo do amor/A mulata da terra do condor/Dominava uma fera perigosa/Mulher nova, bonita e carinhosa/Faz o homem gemer sem sentir dor.

Essas músicas imprimem um modelo de mulher não rotulada e de um homem que não quer a mulher pelo simples prazer, e sim como alguém que possa está em companhia todos os momentos da vida, contrapondo o modelo de mulher nas canções do século XXI, como as letras do pagode baiano, do pagofunk, que segundo Nascimento (2010), são letras de músicas que reúnem num mesmo rótulo uma diversidade de grupos, que ampliam ou reduzem singularidades, identidade e tensões, as variantes rítmicas e as formas de nomear esses grupos, implica delinear o olhar interdisciplinar para as múltiplas dimensões onde se entrelaçam corpo, sexualidade, discursos e hibridismos implicando na dinâmica das práticas e na aceitação desse produto cultural no âmbito da cultura local, (NASCIMENTO 2010, p.01).

O repertório musical tem duas denotações, uma referente à arte musical e outra a uma teórica científica do conhecimento. Repertório é considerado a lista de músicas que uma banda, um cantou ou uma orquestra vai tocar, na teoria da informação refere-ser ao nível de conhecimento do receptor, o seu nível cultural, suas instruções é todo conhecimento armazenado, que modificam e confirmam os ideais do ser¹.

No repertório das músicas brasileiras, no momento atual, são carregados de metáforas e conotações que imprimem ideias de desvalorização dos sujeitos, principalmente dos jovens e, em sua maioria mulheres. Ouvindo alguns repertórios músicas, percebemos como é apresentado o papel de homens e mulheres nas canções. Assim descrevemos: “Cachaceiros e cachaceiras, raparigueiros, fuleiras, lobos, mulheres-avião, arrochados e arrochadas, mulheres-eletricistas, mulher tranqueira, cafucus, doentes, feras indomadas, cão-sem-dono, vagabundos, perdidas”. (CUNHA 2011, p.14)

Estes são apenas alguns estereótipos empregados aos sujeitos sociais discutidos pelo autor a partir do forró eletrônico, os outros gêneros musicais também difamam a homens e mulheres, onde o uso mais predominante de difamação é voltado para as mulheres, como as letras dos pagodes “a santinha perdeu o juízo/ tomou uma e já ficou louca/quando ela bebe é um perigo/sai beijando de boba em boca” Léo Santana; “desce copo de whisky/com amarula e chandon da tequila/prá novinha que o couro vai comer” Psirico. São letras que incentiva as jovens mulheres a fazer o uso da bebida alcoólica em nome do viver a liberdade, com intuito de ter fama e ser desejada por todos.

¹ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Repertório> acesso em 27/05/2017

São modelos musicais que deixam a mulher à margem da sociedade, como seres fáceis de ser manipuladas, de vida fácil, que se troca por uma dose de bebida. Estes são alguns dos novos repertórios das músicas brasileira, que nem é tão novato assim, desde 2011, que se vem analisando os estereótipos das músicas em relação a imagem tanto do homem como da mulher. Cunha (2011) discute em sua tese o sucesso do forró eletrônico na atualidade e dos adjetivos que são atribuídas aos homens e mulheres e que ganham gosto e são tocadas em diferentes estabelecimentos, no rádio, na TV, nos barzinhos, nas festas populares nos lares etc.

As letras das músicas, em sua maioria são as vozes masculinas que infere às mulheres conotações que elas mesmas não percebem, e a divulgam como resultado de se sentir inserida na sociedade, inclusive tem mulheres que escrever e cantam ritmos que não valoriza a figura feminina como a Banda Vingadora, ao compor e cantar ‘Calcanhar de prego’. Cantada por uma mulher que resulta na postura machista, que faz uso do corpo feminino de forma banal.

A mulher é vista, sob a ótica de diferentes áreas do conhecimento, e segundo Lima e Sanches (2009), tem sido sistematicamente revisto nos últimos vinte anos, compondo um campo de estudos que se passou a conhecer por “estudos feministas”. E o universo musical, tanto no que tange à produção quanto aos estudos sobre as letras produzidas, tem sido, por longo tempo, um domínio masculino.

A música por ser uma das expressões artísticas mais apreciadas pela população brasileira pelo fácil acesso, nesse trabalho propomos discutir letras das músicas baianas, por ser um gênero musical que faz parte da nossa cultura. As letras das músicas baianas representam um importante lugar nos estudos das representações de gênero na contemporaneidade. O corpo feminino é fragmentado, representando apenas objeto do sexo, numa performance que representa discursos estereotipados do uso do corpo feminino.

Dentro da teoria francesa de Collete Gullaumen, as “mulheres não têm sexo elas são sexo”, ou seja, a visão do homem para a mulher é apenas pelo desejo sexual. O autor Swain (2008) infere sobre o destino natural das mulheres, o sexo, ou seja, aquilo que melhor sintetiza e ao mesmo tempo demonstra uma representação folclorizada pela linguagem moderna através dos discursos que constroem as diferenças, a essência do ser diferente é marcado ela representação da sexualidade ramificada pela forma de poder, o poder de determinar, de dirigir, de humilhar, de ironizar, possuir, violentar, controlar, comprar, traficar” (SWAIN 2008, p. 292).

Essas nomenclaturas são instigadas nas novas letras musicais como, “na ponta ela fica e Devagarinho de MC Delano”, “o papai chegou de MC Catra” que trazem nas representações das

mulheres discursos da assimetria dominante, que veem a mulher como única finalidade a do sexo, não o sexo pelo prazer, mais a cultura do sexo como incentivo ao estupro, difamação e desvalorização da mulher.

Os jovens na sua maioria, bem como adultos hibridizam as culturas para tornarem-se visíveis para a sociedade, não se dão conta que as letras das músicas do pagode atual como o pagofunk baiano, uma adaptação do funk carioca com o paulista. É reconhecido nos guetos das grandes cidades, nas baladas do fim de semana, por ser alegres e dançantes, mais não fazem a leitura do quanto às letras desvalorizam e menosprezam a mulher. Vejamos o que diz a letra da canção do grupo Nuwance:

Vem dançando meu amor/Vai mexendo devagar/Desse jeito eu fico louco/Doidinho pra te apertar/Me dá uma chance meu amor que eu te pego com jeitinho/Vou te levar pra casa e dar um pente com carinho
Te espero no meu quarto dançando com esse sorriso/Suando o corpo todo descendo devagarinho.

Outra canção que está nos embalos musicais dos jovens é a “malandramente” de Denis com participação de MC’S Naldinho e Nego Bam, que retrata a mulher como aproveitadora, que só quer diversão, mais que tem o domínio do corpo e não pratica o sexo apenas pelo prazer como podemos analisar na letra da canção.

Malandramente/A menina inocente/Se envolveu com a gente
Só pra poder curtir. Malandramente/ Fez cara de carente/ Envolvida c'a tropa/Começou a seduzir/Malandramente/Meteu o pé pra casa/Diz que a mãe ta ligando/Nós se vê por ai/Ai safada! Na hora de ganhar madeirada/A menina meteu o pé pra casa/E mandou um recadinho pra mim! Nós se vê por ai...

Um as letras que instiga o desejo do homem pelo sexo como satisfação do desejo masculino, e a mulher como submissa ao homem, que deve estar pronta para satisfazer todos os desejos carnis do homem, e os seus sentimentos e desejos onde ficam? Será que as mulheres que dão ibope a esse modelo musical já parou para pensar o valor da sua imagem nessas músicas?

Diante disso, para melhor compreender a imagem da mulher brasileira, passaremos a discutir as concepções de gênero, suas histórias, e imbricar com a imagem da mulher e sua representatividade para sociedade.

2. Gênero no contexto histórico: a imagem da mulher

O termo gênero foi introduzido por Scott (1991) em meados do século XX, significando elemento constitutivo das relações sociais baseada nas diferenças percebidas entre os sexos. Gênero pressupõe dimensões biológicas, interpessoal que acompanham a história da humanidade desde a pré-história. Tereza Fagundes (2007) traz na sua obra sexualidade e gênero, conceitos de gênero como é concebida na era pós-moderna. Para a autora gênero surge como um conceito para referir a feminino e masculino, de forma diferente de que se compreende como sexo.

Para Fagundes (2009) apesar de gênero ser um termo polissêmico, atualmente o estudo de gênero é utilizado para designar conjuntos de pesquisas e reflexões que tem como objeto a mulher em perspectiva relacional ao homem. Há muitas considerações implicadas sobre o conceito de gênero, uma vez que em sua maioria apenas se discute o binário masculino/feminino e o que percebemos é uma diversidade de conceitos porem a realidade é como cada subjetividade o produz.

Nas palavras de Beauvoir (1987) não se nasce mulher, torna-se mulher, podendo ser compreendido que o homem não nasce homem, torna-se homem ou não, seu desejo é quem vai determinar o seu caráter de gênero. Por isso Joan Scott (1991), inferiu, como já citado anteriormente que gênero são elementos constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre o sexo, assim, admitimos como ela, que o essencial dessa definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: ser constitutivo de relações sociais e ser, também, uma forma se significar relações de poder (FAGUNDES 2014, p.04).

As articulações dos grupos feministas fizeram nascer uma terceira categoria ao gênero os sem sexo ou os neutros, que Scott (1991), fala que denotativamente gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos, um sistema socialmente consensual de destinação e não uma discricção objetiva de trações inerentes. Não importa a categoria do gênero o que é imprescindível são os valores e os objetivos diante da postura que se assume.

O termo gênero dentro da teoria feminista segundo Butler (2015) é o desenvolvimento da linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso seria importante na construção da historia feminina uma vez que seus direitos eram silenciados e a figura da mulher era mal representada.

Em termos contemporâneos, a mulher depois de longas batalhas por igualdade de direitos, passa a ser nomeada por seres sociais como “bela recata e do lar”, um objeto de sobrevivência do homem, mulher boa é passiva, calada, submissas, que não consegue lutar por seus direitos, pois, estão sendo sufocadas pelas leis machistas. As próprias músicas discutidas anteriormente tentam

silenciar o papel da mulher na sociedade e a apresenta apenas como desejo sexual, numa cultura do estupro individual e coletivo.

Mesmo dentro da hegemonia patriarcal tecida por Butler (2015) o feminismo se encontra numa identidade em diferentes culturas, como a opressão das mulheres pelos homens tem sido criticadas e rompidas por muitas gerações, hoje a mulher é digna de direitos, porém ainda tende a ser menos valorizada que a figura masculina. Às vezes por falta de estrutura familiar ou não conseguem encontrar um caminho que conduzisse a liberdade financeira e a conhecimento da não dependência do homem. Por mais liberta que a mulher esteja ainda há resquícios da dependência ao homem.

Como podemos ver a dominação do homem sob a mulher, a sua imagem retratada nas músicas atuais, que em sua maioria compostas por homens que usam letras e estereótipos para mulheres, como ritmo dançante para não se darem conta do seu papel nas canções. O gênero feminino é visto como sinônimo de bebida, diversão, sexo e agressão.

O conceito de gênero também pode se referir a construção do sexo e sua anatomia, por designar saberes biológicos que constituem e identificam uma pessoa como mulher ou homem, assim esse conceito nos leva a entender que “há machos e fêmeas na espécie humana, no entanto a maneira de ser do homem é realizada pela cultura” (GENERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA, 2009, P. 39).

Diante do conceito delineado acima, gênero quer dizer mulheres e homens como produtores de um trabalho histórico, político e cultural exercido sobre seus corpos e mentes, o que resulta nos modos de ser femininos e masculinos, ou representações e estereótipos de feminilidade e masculinidade (FAGUNDES 2011, P.05). Gênero visto pela autora faz parte do binário masculino e feminino, porém, com o direito de poder assumir a sua representatividade se como mulher ou homem, o valor e as características de cada corpo é subjetivo e tem-se a liberdade de escolha para fazer uso dos saberes biológicos e sociais.

Fagundes (2001) fala que essa perspectiva de gênero, esse propósito é dado como o estabelecimento e manutenção histórica da dominação patriarcal sobre a mulher, situação que concretiza a ideia de um poder que se exerce sobre os sujeitos, tornando-os politicamente dóceis e, Foucault (1985) argumenta que “sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens de poder, neutralização dos efeitos do contra poder” (FOUCAULT, 1985, P.XVI). O sujeito como ser social, tem o direito de manifestar e apresentar suas angustias e desejos

possuindo a liberdade de exercer a cidadania independentemente a opção sexual, de gênero e etnia escolhido para compor a sua identidade.

Como as discussões sobre gênero surgiu a partir dos movimentos feministas, Sardenberg (2006) analisa essa perspectiva como o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. Esse empoderamento da mulheres implica a libertação das mulheres da operação do gênero, machista, patriarcal, porém, é uma expressão que precisa ser dialogada para poder ser empregada corretamente, pois o empoderamento não é as mulheres fazer mau uso desse adjetivo, adentrar à sociedade sem ter consciência dos valores, das regras e da ética enquanto sujeitas que buscam igualdade de direitos.

O objetivo maior do empoderamento segundo Fagundes (2011) é a mulher questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero. Para Sardenberg (2006) o objetivo maior do empoderamento é discutir a ordem patriarcal vigentes nas sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre nossos corpos, nossas vidas, nossas atitudes, nossos objetivos e opções sexuais.

Mesmo com tanto empoderamento feminino, Costa (1998) referenda as percepções feminista por duas vertentes de um lado as mulheres tem estado do outro lado do exercício do poder, do outro lado da condição de subalternidade. Essa sensação de dependência, de inferioridade, de sobrevivência faz com que muitas mulheres não puderam decidir sobre suas vidas, não se constituem como independentes, e reproduzem identidades para serem aceitas dentro de grupos sociais. E também tem as mulheres empedradas que exercem os mais altos cargos da sociedade, que usa seu poder feminista com determinação, sabendo avançar e recuar diante das diversas circunstâncias dos círculos sociais.

Dar visibilidade a identidade feminina que foi ocultada, faz parte dos objetos dos estudos feministas. Guacira Lopes Louro (1997) fala que é preciso notar que essa invisibilidade como sujeito que caracteriza a esfera do privado, o mundo doméstico, como o verdadeiro mundo da mulher, já que vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres. (LOURO, 1997, p. 21). A mulher tenta deixar de ser a “bela, recatada e do lar” e ganha espaço no mercado de trabalho, dentro do universo machista e dominante, lutam por construir suas identidades, preservar sua cultura, e ser visível como mulheres empoderadas.

É preciso de luta, de armas que garantam força nos embates culturais, por isso cada vez mais os movimentos sociais (aqui cito os movimentos feministas e sexuais), precisam ser organizados, para em conjunto lutar pelos direitos já adquiridos que tentam silenciar por meio do mau uso das

políticas sociais, para que o acesso e controle nos espaços culturais não sejam oprimidos pelos homens brancos e heterossexuais. Para Louro (2004, p. 28) o desafio maior talvez seja “admitir que as fronteiras de gênero venham sendo constantemente atravessadas e o que é ainda mais complicado admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é extremamente a fronteira”.

Romper com as fronteiras sexuais de gênero implica produzir significados em meio a uma relação de poder, um embate cultural, complexo porque são construídos a partir de transformações de um modelo ideal de sujeito, branco, hetero, eurocêntrico. É um desafio que leva a aceitar a posição do outro por suas escolhas.

A imagem da mulher nesse universo branco e hetero são cada vez mais desbotadas, muitas vezes ocultas, expostas à margem social. É um movimento de luta com avanços e retrocessos, porém, sem haver derrotas, é a construção das características que fundamenta as identidades assumidas pelas mulheres independentemente da opção sexual.

Palavras finais

Em termos contemporâneos, a mulher depois de longas batalhas por igualdade de direitos, passa a ser nomeada por seres sociais como “bela recata e do lar”, um objeto de sobrevivência do homem, mulher boa é passiva, calada, submissas, que não consegue lutar por seus direitos, pois, estão sendo sufocadas pelas leis machistas. As próprias músicas discutidas anteriormente tentam silenciar o papel da mulher na sociedade e a apresenta apenas como desejo sexual, numa cultura do estupro individual e coletivo.

Mesmo dentro da hegemonia patriarcal tecida por Butler (2015) o feminismo se encontra numa identidade em diferentes culturas, como a opressão das mulheres pelos homens tem sido criticadas e rompidas por muitas gerações, hoje a mulher é digna de direitos, porem ainda tende a ser menos valorizada que a figura masculina. Às vezes por falta de estrutura familiar ou não conseguem encontrar um caminho que conduzisse a liberdade financeira e a conhecimento da não dependência do homem. Por mais liberta que a mulher esteja, ainda há resquícios da dependência ao homem. Romper com as fronteiras sexuais de gênero implica produzir significados em meio a uma relação de poder, um embate cultural, complexo porque são construídos a partir de transformações de um modelo ideal de sujeito, branco, hetero, eurocêntrico. É um desafio que leva a aceitar a posição do outro por suas escolhas

Nesta perspectiva conclui-se que é necessário que as mulheres, repensem a forma de produzir, veicular, pensar, agir e viver a realidade da diversidade complexa que envolve a

construção de sua cultura e da sua identidade. Esse foi um trabalho para repensar de qual maneira a mulher possa contribuir como profissional e social na construção de uma sociedade igualitária em todos os níveis das relações humanas?

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo** – fatos e mitos, tradução de Sergio Millet. São Paulo: Difusão européia do livro, 1987.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015

BRASIL, Presidência da República. Secretaria de Política para as Mulheres. **Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero**. 2014. Disponível em: <http://www.igualdadedegenero.cnpq.br/igualdade.html>. Acesso em 25/05/2017.

COSTA, Ana Alice Alcântara. **As donas no poder** - mulher e política na Bahia. Salvador: NEIM/UFBA – Assembléia Legislativa da Bahia. 1998.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. **Sexualidade, Gênero e Poder – educação numa perspectiva emancipatória**. Revista espaço acadêmico, nº 154, ano XIII, Issn 1519-6186, março de 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** 1. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções de nosso tempo. Educação & Realidade. v. 22, n. 2, jul./dez. 1997. La Gandhi Argentina. Editorial, ano 2, n. 3, nov. 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista : Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LIMA, Chirlei Dutra; SANCHES, Nanci Patrícia Lima. **Caderno Espaço Feminino**. V.21, n. 1, Jan./Jul. 2009

NASCIMENTO, Clebemilton Gomes do. **PIRIGUETE: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MULHER NOS PAGODES BAIANOS**. VI enacult encontro multidisciplinar em cultura. Facom-UFBA – Salvador-Bahia. 25 a 27 de maio de 2010

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife, 1991

SARDENBERG, Cecília. **O gênero em questão: apontamentos**. Salvador: NEIM/UFBA, 1992.

SARDENBERG, Cecília. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO’**, promovido pelo NEIM/UFBA. Salvador, Bahia, de 5-10 de junho de 2006